

LINK DA MATÉRIA:

<https://at-que-o-c-ncer-de-mama-nos-sep.shorthandstories.com/at-que-o-c-ncer-nos-separe/index.html>

ATÉ QUE O CÂNCER NOS SEPARE

O abandono marital vivido por mulheres em tratamento de câncer de mama



Ilustração: Catarina Kobata e Lucas Gonçalves

Dona Araci vivia um casamento de 37 anos. Thais era cabeleireira e sonhava em abrir um salão de beleza. Aline tinha acabado de assinar o divórcio e já estava feliz em outro relacionamento. Cada uma dessas mulheres têm diferentes histórias, rotinas, sonhos e planos, mas duas experiências as unem: o câncer de mama e o abandono de seus parceiros durante o tratamento da doença.

As três fazem parte de uma estatística. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca, 2022), o câncer de mama é o que mais mata mulheres cisgêneras e o mais comum entre elas no Brasil e no mundo. No país, entre os novos casos registrados, o percentual é de 29,5% anualmente, o que corresponde a 59,7 mil mulheres acometidas pelo câncer de mama por ano.

O tratamento desse câncer depende da fase em que a doença é diagnosticada, do nível do estágio e do tipo do tumor. Entre os tratamentos estão a cirurgia, radioterapia, quimioterapia, hormonioterapia e terapia biológica (terapia-alvo).

A médica mastologista e secretária adjunta da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), Annamaria Massahud, alerta que a doença, em sua fase inicial, pode ser percebida por sintomas como um nódulo fixo e indolor, pele da mama avermelhada, alterações no bico do peito, pequenos nódulos nas axilas ou pescoço e saída espontânea de líquido anormal pelos mamilos. Por isso, é recomendado que todas as mulheres, independentemente da idade, sejam estimuladas a conhecer seu corpo para saber o que é e o que não é normal em suas mamas.

O Ministério da Saúde recomenda que a mamografia de rastreamento seja oferecida para mulheres entre 50 e 69 anos, a cada dois anos. A recomendação brasileira segue a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de países que adotam o rastreamento mamográfico. A mamografia é o exame capaz de identificar alterações suspeitas de câncer antes do surgimento dos sintomas e também é realizada com a finalidade de identificação de alterações suspeitas. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece exame de mamografia para todas as idades, conforme indicação médica.

Além de enfrentarem a dor da descoberta e do tratamento invasivo do câncer de mama, muitas mulheres nessa situação são abandonadas pelos seus companheiros, que não conseguem lidar com a doença da parceira. Não há um número preciso sobre

o abandono marital de mulheres em tratamento de câncer de mama. Mas, de acordo com a Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM), 70% das mulheres diagnosticadas com o câncer enfrentam o abandono por parte do parceiro durante o tratamento.

No final de 2009 as universidades de Stanford e Utah em parceria com o Centro de Pesquisa Seattle Cancer Care Alliances, dos Estados realizou um estudo com 515 homens e mulheres com câncer e esclerose múltipla (doença degenerativa que leva à perda gradual dos movimentos), e verificaram entre esses indivíduos uma taxa de 11,6% de separações conjugais. Deste índice, veio a surpresa. Dos casamentos desfeitos 20,8% aconteceram quando a mulher era a parte doente. Em contrapartida, quando o homem é a pessoa doente, a taxa de separação foi de 3%. Com isso, a pesquisa concluiu que a mulher tem seis vezes mais chances de ser abandonada pelo marido após a descoberta de uma doença grave.

"Dentre as mulheres que atendemos com câncer de mama, dá para contar nos dedos quantos parceiros estão apoiando durante o tratamento. É muito raro, mas muito raro mesmo", conta Tatyana Karim, assistente social e uma das fundadoras do Instituto Bem Viver em São José, na Grande Florianópolis, que trabalha com crianças, jovens, adultos e idosos carentes com câncer. Metade do público do Instituto é composto por mulheres em tratamento de câncer de mama, e muitas delas, quando recebem a notícia da doença, logo são abandonadas pelos parceiros. "Eles não se dão conta de ver a transformação no corpo da mulher, né? Então eu quero te dizer que elas chegam lá destruídas", relata Karim.

As pacientes contam histórias de abandono por parte do parceiro quase diariamente nos consultórios médicos "Tive uma situação que me chocou muito, porque foi muito rápida. A paciente foi à consulta que confirmou a presença de uma alteração em exame de mamografia, palpável, mas sem alta suspeita de câncer. Entretanto, no retorno, quando a paciente foi levar o ultrassom, que evidenciou uma alteração benigna, ao tranquilizá-la sobre o achado, ela me falou que o marido havia saído de casa quando soube que havia um nódulo na mama", conta a mastologista Annamaria Massahud.

O câncer de mama incide sobre um dos principais símbolos corpóreos da feminilidade, da sensualidade e da maternidade, e as mudanças no corpo decorrente da doença muitas vezes afetam os relacionamentos conjugais. “Não há nada que se diga que melhore a sensação da mulher ser rejeitada, principalmente sabendo que ela não deveria ser resumida a uma mama ou ao seu corpo”, afirma Annamaria.

ABANDONADAS

Em um triste e desafiador capítulo de suas vidas, Araci, Thaís e Aline viram seus laços de amor serem rompidos cruelmente após enfrentarem a difícil jornada da descoberta e luta contra o câncer de mama.

Dona Araci casou-se jovem, aos 18 anos de idade e se mudou de Santa Catarina, onde nasceu, para morar na cidade do esposo, Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Lá se tornou dona de casa e teve dois filhos. Vivia um casamento de 37 anos, com os filhos casados, um morando em Curitiba e o outro em uma cidade próxima, em Novo Hamburgo, quando descobriu o câncer. “Eu ia pra consulta e fui tomar banho de manhã. Estava muito frio e não quis lavar o cabelo, tinha um cabelo comprido, tirei a roupa e voltei ao espelho para prender o cabelo. Quando ergui o braço o meu mamilo entrou pra dentro. Ali já soube que era um sinal de câncer de mama. Fui pro banho e comecei a me examinar e achei um nódulozinho. Cheguei na doutora e falei: ó doutora, achei um nódulo”, lembra Araci.

Thaís é natural de Florianópolis e também descobriu sinais de câncer de mama no banho, em 2015 aos 23 anos. Ao se ensaboar, sentiu uma ondulação diferente no seio. Como uma tia já havia enfrentado a doença, ficou alerta, pois poderia ser algo mais grave. “O ginecologista falou que era impossível na minha idade. Quando ele fez o toque falou: “Olha, não senti nada”. Mas como tenho a mama grande, sabia a maneira de sentir, que era só em pé. Deitada não aparecia.” Preocupada com a alteração na mama, Thaís pediu para o médico um ultrassom, que constatou realmente um nódulo maligno.

Aline também é manezinha como Thaís e descobriu a presença de um nódulo na sua mama direita em uma visita rotineira ao ginecologista em 2019. A princípio o

médico pediu o exame de ultrassom, mas ela não se preocupou com a possibilidade de ser algo mais grave como um câncer de mama, afinal na época ela tinha 34 anos e não achava que era possível a doença em uma mulher tão jovem. Ela vivia uma fase feliz na vida, havia recém assinado um divórcio que se estendia há anos e estava em uma relação recente com outra pessoa. Mas ao retornar com o resultado do ultrassom no ginecologista, recebeu a notícia de um nódulo maligno, que poderia ser um possível câncer. “Meu mundo caiu e eu não consegui enxergar mais nada pra frente em relação a minha vida. Me vi condenada”, conta.

Além do medo comum da morte em pacientes com o diagnóstico de câncer, Dona Araci, Thaís e Aline viveram outro temor. O medo de serem abandonadas pelos parceiros. Araci contou sobre a doença para os filhos e o marido somente três meses após o diagnóstico. A reação deles não foi como ela esperava. “Tanto ele quanto meus dois filhos agiram como se eu tivesse com uma dor de barriga, uma doença qualquer, não deram a mínima. Até hoje eles parecem não entender que era câncer.” Conta

Aline foi acolhida pela família, mãe, pai, irmãos e também por seu namorado na época. Mesmo com apenas três meses de relacionamento. Aline se surpreendeu com a disposição do parceiro em ajudá-la e estar junto no processo. “No começo me impressionei porque ele era muito solícito e estava sempre ao meu lado”, afirma.

Thais era casada e quando recebeu a confirmação da doença, seu maior medo não era a morte, mas sim a perda de cabelo que muitas vezes acontece por conta da quimioterapia. “Tinha muito medo de ficar careca. Todos falavam para mim: “cabelo cresce”. Eu também pensava assim, mas na real estava sofrendo muito e com muito medo de não me reconhecer no espelho e meu marido não me aceitar.”

O medo de Thais é regra, não exceção. “Metade das consultas com pacientes em tratamento do câncer abordam, além do medo das consequências da doença, o medo do abandono também. Muitas chegam ao consultório pedindo orientação de como falar para o companheiro que ele não a abandone. Elas já têm medo na hora do diagnóstico”, relata a psicóloga e psicoterapeuta Deca Porto, que atende voluntariamente pacientes em tratamento de câncer de mama, através da Associação não Governamental Amor e União contra o Câncer (AMUCC), em Florianópolis.

Em meio ao seu tratamento, Araci descobriu que estava sendo traída pelo marido. Assim que acordou da cirurgia que removeu toda uma mama, viu o esposo na sala de recuperação deitado em um sofá trocando mensagens com a amante. O marido também nunca a acompanhava durante as sessões de quimioterapia, e nem a buscava, mesmo ela saindo debilitada por conta do efeito dos remédios. Na quarta sessão de quimioterapia Araci resolveu dar um basta na relação. Juntou provas da traição e revelou tudo aos filhos. Mas não funcionou. O esposo começou a alegar que ela estava louca e os filhos ficaram ao lado do pai. Os três ainda tentaram internar Araci em um hospital psiquiátrico, mesmo durante o processo do câncer. “Ele alegou que eu estava inventando tudo, que era louca, e os filhos acreditaram nele”, lembra Araci.

A tentativa de internar Araci em um hospital psiquiátrico não deu certo, pois a afilhada que morava na mesma cidade e acompanhava o tratamento interviu. Os filhos só acreditaram nela quando o pai zerou todo o dinheiro do casal da conta conjunta e sumiu. Até hoje Araci não sabe do paradeiro do ex-marido. Todo processo a abalou profundamente. A maior dor não foi a doença e nem o término do casamento de uma vida, mas a indiferença e falta de cuidado dos filhos. “Quando descobriram, choraram muito, não sabiam como pedir perdão.”

Com Thais foi tudo muito rápido, assim que o ultrassom deu positivo para câncer ela foi encaminhada para o Centro de Pesquisas Oncológicas de Florianópolis, o CEPON. Lá recebeu o diagnóstico de um tipo raro e agressivo de câncer de mama em mulheres jovens, chamado HER2+. Esse tipo de câncer tende a crescer e se disseminar mais rapidamente do que outros, mas possuem mais chances de responder a um tratamento com medicamentos específicos que têm como alvo a proteína HER2.

Thais descobriu o câncer em 2015 e em 2016 fez a cirurgia de retirada total das duas mamas. No início seu companheiro a apoiou em tudo e fazia questão de ir em todas as consultas. Mas durante a quimioterapia e com toda a mudança que acontecia no seu corpo, começou a perceber uma indiferença e distanciamento do marido. “Acabei abandonada dentro da minha própria casa, dentro do meu próprio lar, ele foi embora. Eu me olhava no espelho e me via realmente com a aparência de quem está muito doente”, relata.

Aline não conseguia acreditar que estava com câncer. A princípio negou o diagnóstico, afinal não sentia dores nem se via debilitada. Estava vivendo uma boa fase na vida, recém havia assinado um divórcio e começado um novo relacionamento. Quando descobriu o câncer o namoro tinha só três meses. E assim como o esposo de Thais, o então namorado de Aline a apoiou durante o processo de descoberta da doença. Mas não durou muito. Quando estava passeando no shopping com o namorado e ela foi beijá-lo, ele se esquivou e disse: eu não consigo mais. “Ali percebi que a dor da rejeição era mais dolorida que a do câncer.”

O abandono do parceiro nesse tipo de caso pode levar ao “distress”, termo usado para descrever o sofrimento da pessoa que tem uma doença com consequências físicas, sociais e afetivas, explica a psicóloga Deca Porto. A rejeição afeta o aspecto psicológico da mulher, que, além de lidar com o tratamento, vivencia o abandono e, muitas vezes, a perda do emprego e o estigma da sociedade – principalmente se o câncer vier acompanhado da retirada dos seios ou da queda de cabelo.

Neste momento, o apoio da família e pessoas queridas é fundamental para as mulheres. “O suporte das pessoas próximas, de quem mora com a paciente, facilita sua organização domiciliar básica, como alimentação, vestuário, cuidados de higiene, bem como deslocamento. Além disso, a presença de alguém que tenha amor pela paciente gera conforto e sensação de acolhimento. A rede de apoio quando conta com parceiro, ou parceira, facilita a jornada da paciente”, explica a mastologista Annamaria.

O suporte emocional vindo do companheiro, ou de qualquer outra pessoa da família é muito importante para recuperação das pacientes. “Não existe certeza sobre a importância do abandono na progressão da doença. Sabe-se que o nosso corpo físico depende da parte psíquica e que cada ser humano tem uma forma de exteriorizar e de interiorizar suas emoções”, explica.

POR QUE ELES ABANDONAM?

A resposta a essa pergunta é que o homem não é socializado para cuidar. Defende Cláudia Moro, doutoranda e pesquisadora das implicações entre feminismo e câncer de mama, do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC. Ela

afirma que cuidar é um papel historicamente designado às mulheres, que enquanto sujeito são socializadas para o cuidado. E para acompanhar a esposa ou companheira no processo de tratamento, o homem precisa abrir mão do seu dia a dia de trabalho, da sua rotina, e muitos deles não têm essa mentalidade. Como provedor, o mais importante para eles socialmente são seus próprios compromissos.

Pesa ainda a sexualidade e tudo que a mama feminina representa socialmente: maternidade, feminilidade e até mesmo sensualidade. Quando mulheres com câncer de mama se curam, ainda ficam as cicatrizes e marcas de mutilação, e muitas vezes as mamas estão ligadas à intimidade do casal. É comum companheiros não enxergarem feminilidade na parceira após uma cirurgia de retirada da mama. “A mama da mulher representa socialmente a definição do feminino, e quando ela não tem mais esse órgão, muitos homens não conseguem enxergá-las como mulher. E algumas mulheres se sentem culpadas porque o companheiro as deixou, porque foi ela quem teve o câncer”, diz Cláudia.

Cláudia não apenas estuda essa situação. Ela viveu um câncer de mama e pode observar durante o tratamento várias colegas de hospital deixadas pelos parceiros que ao se ver nessa situação, em que precisam mudar o papel social imputado a eles, não conseguem. “Eles não possuem essa estrutura”.

O homem não é obrigado a estar preparado para lidar com o diagnóstico de câncer de mama da companheira, mas ele pode se preparar durante o processo, defende a Psicóloga Deca Porto. “O acolhimento ao homem também precisa acontecer. Não é fácil lidar com a notícia de que um ente querido está doente, precisamos também olhar mais para os processos individuais dos homens.”

Durante sua pesquisa, Cláudia observou muitos homens invertendo os papéis e conseguindo cuidar das companheiras acometidas pelo câncer de mama. Ainda é menos do que o ideal, mas muitos já assumem o papel de cuidador. “Eles se retraem muito também para cuidar, não se sentem confortáveis no papel do qual não foram designados socialmente, é como se eles tivessem que vestir uma pele que não é deles”, completa.

CUIDANDO DE QUEM CUIDA

Por outro lado, há também histórias de vida diferentes das três contadas até aqui. A de Dona Izete Machado, é uma delas. Curada do câncer de mama há 25 anos, ela relembra como foi seu processo e o apoio e companheirismo que recebeu do esposo durante o tratamento.

Izete vem de uma família com histórico de câncer de mama. “Já perdi tias, primas, todas pra esse bendito câncer”, relembra. Então, por esse motivo ela já esperava pelo diagnóstico “negativo”. E assim veio. Ao descobrir que estava com câncer, Izete também teve o sentimento de medo do abandono por parte de seu companheiro. “A gente tem vaidade feminina né? Aí tu pensa, como será que vai ser agora que eu vou ter só uma mama, né? Vou ser tipo uma propaganda enganosa”, confessa. Ela e o marido estavam casados há 25 anos, com dois filhos e um neto na época.

O medo de ser abandonada por conta das mudanças que estavam para acontecer no seu corpo logo deram espaço para um estreitamento de laços ainda maior com o marido. “Ele nunca demonstrou medo ou preocupação na minha frente. Eu sempre fui muito brincalhona, e brincava em como ficaria a minha aparência “monoteta” e ele ria junto”, declara.

Dona Izete reconhece que teve sorte de ter encontrado apoio incondicional no marido e na família durante o tratamento, algo que não via acontecer com frequência com as colegas que fez durante as sessões de quimioterapia. “Eu via como aquelas mulheres não tinham ninguém por elas em um momento como aquele. Me sentia até mal do meu marido sempre me acompanhando e elas sozinhas. Todas falavam que eu tinha muita sorte, reconhece.”

O casamento de Dona Izete completou cinquenta anos em fevereiro de 2023 e passar por tudo ao lado do marido e da família só fortaleceu a relação. “Ele estava ali ‘na saúde e na doença’ e não seria qualquer contratempo que o faria parar de me apoiar. Olhando pra traz tenho até vergonha de ter pensando que ele poderia me abandonar por causa de uma mama”.

“FINAL FELIZ”

Apesar de todas as adversidades vividas por Dona Araci, Thaís e Aline, elas conseguiram alcançar um “final feliz”, encontrando o verdadeiro significado da força interior. Essas mulheres passaram além da dor da doença e o medo de não sobreviver, a dor também do abandono. Mas conseguiram encontrar apoio em familiares, amigos e grupos de apoio a pacientes com câncer de mama. Após vencerem o câncer, essas três mulheres se redescobriram e encontraram o amor-próprio necessário para recomeçar suas vidas. São voluntárias, encontraram outros propósitos, e até mesmo uma nova chance no amor, ao encontrarem parceiros verdadeiramente dedicados.

Dona Araci é voluntária na Associação Amor e União Contra o Câncer (AMUCC). Venceu o câncer e passou inclusive pelo processo de reconstrução das duas mamas. Agora aguarda ansiosa pela tatuagem de mamilos. “A reconstrução das mamas com certeza devolveu a minha autoestima, até coloquei espelhos na minha casa novamente”, relata

Além disso, Dona Araci também tem um novo companheiro. Eles se conheceram durante as sessões de quimioterapia em Passo Fundo. Enquanto ela ia sozinha, ele acompanhava a irmã, também com câncer de mama. “Hoje ele é meu parceiro da vida, me conheceu no meu momento mais difícil, abandonada e doente, mas mesmo assim me quis”, lembra. Os dois vivem em um sítio em Antônio Carlos, em Santa Catarina, terra natal de dona Araci. “Viemos para o paraíso, afirma.”

Sobre a relação com os filhos, Dona Araci conta que os laços estão mais estreitos. “Depois que eles descobriram quem o pai era, as coisas mudaram. Mas eu ainda sinto uma mágoa sobre isso bem dentro de mim”, confessa.

A Thais encontrou a cura depois de sete anos de um longo tratamento. Abandonada repentinamente por um companheiro que não conseguiu encarar a doença, hoje percebe que a saída dele de casa foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. “Com o tempo percebi isso. Ter ele ao meu lado naquele momento me faria mais mal que bem,” afirma.

A pior parte de todo o processo não foi a retirada das mamas, mas a queda dos cabelos e sobrancelhas, que mexia muito na autoestima. Cabeleireira de profissão,

Thais atende voluntariamente mulheres em tratamento de câncer de mama, fazendo perucas, cortando cabelos e arrecadando lenços e chapéus para pacientes do CEPON. “Ter passado por tudo isso me fortaleceu de uma forma que não consigo nem falar. Acredito que não há nada que não consiga superar depois disso tudo”, relata.

Aline se viu sem identidade durante o tratamento, não se reconhecia no espelho, não conseguia encontrar a mulher que ela era antes da doença. “Não era eu”, resume. E além de todo esse processo de imagem ela ainda lidava com a rejeição do namorado. “Foi tudo muito doloroso, todo mundo falava: olha pra sua saúde, vai ficar tudo bem. Mas o que mais doía dentro de mim era a dor da rejeição e a perda da minha identidade. Eu não era mais a mesma”, conta.

O processo de reconstrução da autoestima foi baseado em se reencontrar como mulher. “Pensei: tenho que voltar a gostar de ser eu. Essa Aline sem sobrancelha também faz parte de mim”.

Com ajuda de grupos de apoio de mulheres com câncer, familiares e amigos, “resetada” para uma nova vida. Redescobrimo outras formas de viver, gostando de ser quem é. “Sou uma nova pessoa. Deus me deu essa oportunidade única de reset, afinal até as minhas células se reprogramaram.”

Para mudar esse cenário em que mulheres são brutalmente abandonadas pelos companheiros em períodos de dificuldades, a sociedade precisa entender que todos precisam um dos outros, defende a pesquisadora Cláudia Moro. “Devemos cooperar uns com os outros independentes do sexo, independentemente de ser homem ou mulher a parceria e a cooperação precisa estar presente em todas as esferas da vida”.